



MÍDIA ALTER{N}ATIVA:
.....
**estratégias e desafios para a
comunicação hegemônica**



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourival Pereira Junior

Marcelo Schramm Mielke

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

MÍDIA ALTER{N}ATIVA:

.....
estratégias e desafios para a
comunicação hegemônica

ORGANIZAÇÃO:
RICARDO O. FREITAS

APOIO FINANCEIRO:



Ilhéus - Bahia
2009



©2009 by RICARDO O. FREITAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Alencar Júnior

FOTO DA CAPA
Raphael Verly - educando do Centro Cultural Araçá

REVISÃO
Maria Luiza Nora
Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M629 Mídia alter{n}ativa: estratégias e desafios para a comunicação
hegemônica / organizador Ricardo O. Freitas. – Ilhéus, BA:
Editus, 2009.
304p.
Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7455-162-3

1. Comunicação de massa – Aspectos sociais. 2. Comuni-
cação e tecnologia. I. Freitas, Ricardo O.

CDD 302.23

PREFÁCIO

CICÍLIA M. KROHLING PERUZZO

Os meios de comunicação ganham cada vez mais importância na sociedade. Informam, entretêm, formam, circulam valores, publicizam mercadorias, persuadem e assim por diante. São bens públicos e pertencentes à humanidade porque são frutos do conhecimento humano que se constitui e avança historicamente. Configuração essa não impeditiva de sua apropriação e uso por grupos detentores dos poderes econômico, ideológico e político, segundo sua visão de mundo e interesses, nem sempre coincidentes com o interesse público. Num primeiro momento, esse tipo de manuseio da mídia aparece quase como natural para a sociedade como um todo, seja porque o valor da circulação de mensagens é inquestionável, ou porque não se compreendem muito bem os mecanismos de manipulação intrínsecos ao sistema midiático. As pessoas parecem sentir-se agraciadas pela oportunidade de se informar sobre os acontecimentos e adquirir conhecimentos e, dessa forma, poderem sentir-se partícipes do mundo. Mas, aos poucos, pessoas e grupos sociais vão percebendo presenças e ausências nos conteúdos e no domínio dos canais que garantem a viabilização do poder de comunicar. Aprendem a compreender a mídia, dominam suas linguagens, põem em suspensão alguns dos seus conteúdos, percebem que

abordagens diferentes seriam possíveis e desejáveis e, em última instância, acabam se propondo a tecê-las. Trata-se de um processo que varia temporalmente, de lugar para lugar, segundo as circunstâncias históricas propiciadoras de condições objetivas e subjetivas (educação, desenvolvimento intelectual, acesso a equipamentos e materiais, articulação social etc.) que favoreçam a consciência e o empoderamento de técnicas e tecnologias capazes de codificar mensagens e difundi-las.

Os textos reunidos na coletânea **“Mídia alter(n) ativa: estratégia e desafios para a comunicação hegemônica”**, organizada por Ricardo O. Freitas, evidenciam diversas dimensões dessa dinâmica social – da tese à antítese e a “nova” tese em construção – que questiona a estrutura e o funcionamento dos meios de comunicação no Brasil e ao mesmo tempo constrói mídias e formas alternativas de comunicar, desta vez, falando a partir daqueles segmentos sociais empobrecidos que não se enxergam muito bem na mídia tradicional. São análises de fenômenos comunicacionais no nível da grande mídia, bem como de experiências populares e alternativas que evidenciam as intersecções entre Comunicação e Cultura. São reelaborações culturais de segmentos das classes subalternas potencializadas por posturas críticas frente a mídia. São reelaborações culturais advindas da percepção da existência de capacidade de produzir novos olhares sobre a realidade de segmentos sociais discriminados, a partir das linguagens audiovisuais e que, simultaneamente,

contribuem para libertar a expressão oprimida e construída com base na visão de outros. São reelaborações culturais propiciadas pela inserção ativa em processos de idealização, produção e difusão de conteúdos alternativos. As relações entre alienação e desalienação são construídas cotidianamente, o que “empurra” a sociedade em direção a algo novo, embora ainda não seja predominante.

Tais dimensões revelam que o conhecimento também é forjado a partir de práticas sociais participativas. Práticas essas que se movem a partir do local (território) ou do lugar virtual em que nos encontramos presencial ou virtualmente, por afinidade de interesses ou condições de existência.

A comunicação popular e alternativa é a expressão de nova visão de mundo em relação às pessoas e à vida cotidiana, e de uma outra visibilidade que se quer transparecer, uma vez que, mesmo existindo de fato, se torna imperceptível à maioria porque a grande mídia insiste em ideologizar a realidade.



APRESENTAÇÃO

Mídia alter[n]ativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica reúne artigos de professores e pesquisadores que têm trabalhado, nos últimos anos, com questões relativas à comunicação popular e comunitária e à utilização dos recursos de comunicação para a cidadania e para a concretização de ações inclusivas nas quais os meios e recursos de comunicação são eficazes instrumentos. Resultado de pesquisas dos mais variados níveis, desde Iniciação Científica a investigações de Pós-Doutorado, este livro contempla artigos de pesquisadores de três regiões brasileiras, com ênfase em pesquisas que têm como corpus análises desenvolvidas no estado da Bahia, a partir da vinculação ao Grupo de Pesquisa em Mídias Alternativas e Midiativismo – GUPEMA ou algum tipo de parceria firmada com o grupo ou seus pesquisadores.

Além disso, pelo fato de os autores refletirem a utilização de recursos de comunicação por comunidades que têm com objetivo obter inserção junto à esfera pública política e à esfera pública de visibilidade midiática, a esfera de visibilidade pública, todos os textos contemplam, sem exceção, realidades de grupos ideologicamente minoritários e juridicamente vulneráveis.

O tema da comunicação para a cidadania tem tomado fôlego a partir da emergência dos movimentos sociais organizados, concomitante à popularização das tecnologias de comunicação e, nesse sentido, ao

ingresso do Brasil no rol das nações tecnologizadas. Esse é também o momento da emergência das produções culturais globais, que, se num primeiro momento pareciam provocar a unificação ímpar das culturas nacionais, paradoxalmente impulsionaram o surgimento de produções culturais locais e toda sorte de novas produções alternativas trazidas no bojo de um movimento apropriadamente definido como *glocalização*. Ou seja, em tempo muito recente, sob a égide da fluxização de panoramas globais, as dinâmicas culturais locais produziam efeitos constituídos de traços locais completamente integrados à lógica da universalização. Entretanto, agora, como sugere Nestor Garcia Canclini (2005), a mesma globalização desglobaliza, deixando claro que se parecia unificar e, nesse sentido, homogeneizar as diferenças, não somente expôs as mesmas diferenças que parecia querer extinguir, como também criou novas diferenças, transformando maiorias demográficas em minorias culturais. Atrelada a essas transformações, deparamo-nos com o enfraquecimento dos Estados nacionais, sob a égide da globalização, e com o fortalecimento e 'empoderamento' de movimentos e organizações da sociedade civil que tentam preencher as brechas deixadas pelos Estados enfraquecidos, com a ausência de representações governamentais. A utilização de recursos de mídia aparece, nesse sentido, como importante aliada na constituição de esfera pública política, no que proporciona a inserção de pautas, temas e debates através de uma dita esfera de visibilidade pública.

Para o caso da cultura da mídia a lógica é muito parecida. Ao passo que torna modos de vida e visões de mundo homogêneos, através de incisivas representações ideológicas aliadas aos interesses das classes dominantes, a mesma cultura da mídia oferece recursos para que grupos invisibilizados e populações minoritárias reelaborem seus textos a partir de leituras reconstituídas com base em experiências próprias (cf. Kellner, 2001). É o que Jesus Martin-Barbero (1997) anunciava como a presença dos conflitos, contradições e lutas que descaracterizam a clássica lógica atribuída ao processo comunicacional “como estruturado entre “emissores-dominantes e receptores-dominados sem o menor indício de sedução nem resistência” (op. cit., p. 15).

Detentores da tecnologia, vários grupos e comunidades encontrarão na arte e cultura e nas suas manifestações o instrumento ideal para conscientizar não somente seus pares, os Mesmos, como também o mundo exterior, onde vivem os Outros de si. Alteridade passa a reger um novo modo de vida sob a lógica de reconhecimento da diversidade. O movimento *hip hop* surgido, a princípio, nos Estados Unidos, é bom exemplo. Ganha o mundo a partir da lógica do multiculturalismo vigente em tempos de globalização, mas, depois de apropriado, negociado e articulado pelas culturas locais Outras, ganha traços interculturais, no momento em que se apropriam de sua estrutura universal e descartam seus elementos regionais em prol de novos elementos locais. Se as características, no

plano das produções culturais, não são universais, para o caso das questões sociais acontece o mesmo. Baseadas em prioridades estritamente locais, as “causas” determinarão o ponto de distinção entre um modelo universal e uma tônica local de reivindicações e prioridades. Voltando ao *hip hop* brasileiro, este nada tem mais a ver com o seu aparente inspirador estadunidense. Se lá privilegia-se o poder de consumo, aqui são privilegiadas causas as sociais, entre estas, toda sorte de desigualdades e de ações discriminatórias, assim como a necessidade de inserção destes, tidos como Outros, no âmbito da hegemonia. O fato é que aquilo a princípio caracterizava-se como contra-hegemônica, acaba constituindo uma nova hegemonia, não outra e não menos hegemônica, formando uma espécie de *mainstream* do periférico e do minoritário. Tal façanha, não por acaso, pode ser creditada à utilização e ao manuseio das tecnologias de comunicação por grupos e comunidades antes invisibilizadas. Além disso, se num primeiro momento tais grupos e comunidades serão retratados em produções em mídia realizadas pelos Outros, logo passam a criar produtos próprios, autorais, responsabilizando-se não somente pela produção como também pela emissão e distribuição. De coadjuvantes a protagonistas, de emissores passivos a produtores ativos.

Ao focar a esfera pública de visibilidade midiática e sua relação com o desenvolvimento da ação política por parte de grupos minoritários, baseamos na hipótese de que tal tipo de prática coletiva con-

tribui não apenas para deslocar lugares e vozes no espaço público como para surgimento de formas alternativas de visibilidade pública midiática, ao reconhecer que a construção e a consagração dessas formas de aparecimento e visibilidade (midiáticas) dependem da ação política compartilhada entre sociedade civil, movimentos sociais e setores do governo.

Com base no acima exposto, Julio Tavares elabora uma análise ensaística acerca das estratégias da mídia para reservar lugares sociais determinados e intransponíveis, a partir de uma semiologia dos sentidos e dos discursos comunicativos baseada na análise da estética midiática e da representação narrativa. Mesmo que pense a partir de questões universais, seu debate está mais objetivamente centrado no panorama midiático brasileiro e na presença-ausência afro-descendente (na significação da participação de negros e mestiços) no panorama midiático brasileiro. Texto referencial para os que têm interesse nas discussões sobre representação e modos de apagamento, o autor traça importante discussão sobre o papel das formas de dissimulação de representações deturpadas, do lugar do vazio e do esvaziamento e dos projetos que alimentam a produção de clichês e estereótipos acerca de um *Outro* indesejado, a partir da iniciativa do projeto *A Cor da Cultura*, produzido pelo Canal Futura.

O artigo de Célia Regina analisa as contribuições da esfera pública de visibilidade midiática na prática da cidadania (humanidade, visibilidade *versus* ocultamento) para grupos alijados de outros espaços

de aparecimento (mulher, negra e pobre), tendo como foco de análise a fotografia de uma mãe que chora a morte da filha de 12 anos por bala perdida no Rio de Janeiro, em reportagem veiculada nos jornais O Globo, Folha de São Paulo e São Paulo Agora. Os estudos sobre a presença da mulher negra nos meios de comunicação social revelam representações sociais estereotipadas, estigmatizadas e caricaturadas no tratamento que lhes é reservado. Entretanto, pode-se pensar num certo tipo de consenso no que se refere à dor que se revela como apaziguadora, conferindo humanidade a grupos minoritários na esfera pública de visibilidade midiática. A contribuição da autora tem como premissa a idéia de que a expressão de intimidade (a dor) no espaço privado torna-se visível, quando compartilhada, na esfera pública de visibilidade midiática, fazendo de indivíduos invisíveis, sujeitos reconhecíveis e reconhecidos. Ou seja: o mundo comum legitima e reconhece grupos minorizados quando visibilizados pela esfera pública de visibilidade midiática, o que costuma ocorrer com a mediatização da vida cotidiana, que se configura como o lugar de maior espaço de ação.

A fim de investigar a interseção entre raça e gênero, no que tange às assimetrias sociais que atingem, sobremaneira, as mulheres negras, a autora utiliza estudo de Marquerite La Caze sobre as *formas de opressão sexistas e racistas*, além da idéia de *mundo comum e de ação*, em Hannah Arendt, quando analisa as possibilidades de “ser e estar” em um mundo cada vez

mais moldado pela tecnoburocracia, onde o exercício da cidadania, em países como o Brasil, é marcado pela desigualdade social, racial e de gênero. Para tanto, tece um teia entre semiótica e ensaio teórico.

No terceiro artigo, são analisados os modos de produção audiovisual elaborada por um grupo de cineastas autodidatas, integrantes de uma produtora de audiovisual comunitária, em Caravelas, Extremo Sul da Bahia – o Cineclube Caravelas. Parte do entendimento de que a popularização do acesso aos meios e recursos de comunicação, ao provocar expressivo descentramento nos modos de produção, com a quebra do monopólio e a aproximação cada vez mais estreita entre empresas de mídia e público, fez emergir um sem número de novos produtores de conteúdos autóctones. Tal idéia, apesar de nova, reforça a importância creditada aos produtores, ilustrando certa cristalização da imagem do receptor como sujeito passivo, nos moldes das clássicas teorias da comunicação. Analisa, pois, a importância de se considerar a forma narrativa da mensagem-produto como elaborada frente a um momento determinado, para ser lida como texto e ser decodificada ao relacionar formas de representação às questões estéticas e ideológicas.

Também com base no debate sobre o interesse pela interseção entre estética e cidadania, Priscilla Huapaya constrói o argumento de que formas e expressões de arte não são, necessariamente, ‘desinteressadas’, como preconizado pelas correntes mais tradicionalistas da teoria da arte. Para tanto, analisa a

obra da dupla de artistas Mau Val. Através de métodos e linguagens que percorrem desde dramatizações complexas até a documentação científica, Maurício Dias e Walter Riedweg apresentam uma estética videográfica permeada pela relação de alteridade e pela reflexão sobre as relações que medeiam o encontro do Eu com o Outro. A partir de intervenções em situações tanto individuais como coletivas é deflagrada a relação entre a ética e a estética no trabalho dos dois artistas. Na produção poética da dupla, a arte se apresenta como oportunidade para refletir sobre as dimensões estéticas e políticas da relação entre os indivíduos e o mundo.

Rodrigo Bomfim discute a inserção do termo – e do sentido imputado ao termo – *baianidade* nas apropriações discursivas existentes no âmbito midiático da Bahia como destino turístico. Retrata o processo de “fecundação” e disseminação dos índices que identificam a *baianidade* – tida aqui como cultura “reinventada” – e proposta a partir da construção de estereótipos. Para tanto, reflete sobre o caráter homogeneizante na publicidade turística produzida para e sobre a Bahia, suscitando uma reflexão teórica e crítica sobre a interface entre publicidade, cultura e turismo, pelo viés simbólico.

Heron Formiga apresenta uma análise ensaística sobre o deslocamento da produção e circulação de mídia no Brasil, pelo fato de considerar que a contemporaneidade firma-se como o momento em que evidencia-se a assunção das ditas minorias ideológicas, ao

assumirem espaços anteriormente dominados exclusivamente pelos grupos hegemônicos, em se tratando de poder e prestígio. Entre os conceitos contemplados para abordar o tema, o autor dá destaque ao de “manifestação”, proposto por Gilles Deleuze.

Rita Argollo e Betânia Vilas-Boas discutem a proposta de experimentação e pluralismo ligada à construção educativa do conhecimento e cidadania, inserida numa televisão universitária. As diversas abordagens e construções de sentido dos enunciados televisivos deixam clara a necessidade de uma análise sobre o papel social do veículo televisivo para a informação e a formação social dos receptores. Nestes termos, apresentam a experiência da TV UESC, projeto de televisão universitária desenvolvido em Ilhéus, Bahia, abordando sua estruturação, linguagem e a percepção de seu público.

No Brasil, pouco se avançou em termos de democratização da comunicação. Entretanto, novas alternativas surgiram impulsionadas por formas alternativas do fazer comunicacional. Entre estas, as experiências de rádios em escolas públicas. Hélcio Pacheco analisa, pois, o lugar ocupado pela prática de alunos de escolas públicas do interior da Bahia em gestão e produção em rádio, que incorporam novos saberes no campo da educação, a partir de iniciativas elaboradas em Ilhéus, Itabuna e Canavieiras, região Sul da Bahia.



O processo de construção da identidade da prostituta militante da Associação das Prostitutas da Bahia – APROSBA é o que leva Mônica Benfica a buscar

compreender como um processo de organização, com as subjetividades e as condições objetivamente colocadas, pode concorrer para a construção da identidade coletiva. Através das práticas institucionais, principalmente as de comunicação, as militantes buscam evidenciar certa singularidade e a positividade do fenômeno da prostituição em tensão com sua significação marginal. A autora percebe a mídia como lugar de apresentação da militante, onde as ambivalências relacionadas ao assumir a identidade de prostituta são tornadas invisíveis, abordando, ainda, os usos da mídia como prática institucional, ao considerar tal prática como fundamental na construção reflexiva do Eu, ou seja, da identidade.

Luísa Aquino propõe um estudo da interface entre mídia radical alternativa e ciberativismo nos movimentos de militância virtual *Anti Drogas* e *Psicotropicus*. Analisa em que medida as novas tecnologias da comunicação têm contribuído para que tais movimentos discutam e busquem alternativas para questões referentes à política de drogas, dentre as quais se destacam: a juridicidade a ela relacionada, o mercado, o consumidor e seu ambiente social, bem como os sistemas alternativos de controle da drogadição. Considerando o acervo de ferramentas digitais promovido pela revolução eletrônica, a autora busca entender como são construídos cenários virtuais por grupos politicamente engajados, que se apoderam do conceito de “mídia alternativa” para propor o uso diferenciado dos meios de comunicação. Além de dar

alcance global a uma determinada causa – característica da militância *on-line* –, as mídias alternativas são utilizadas a fim de oferecer uma nova maneira de pensar a função transgressiva da comunicação. Por fim, questiona se a apropriação pelos ciberativistas de mecanismos oferecidos via ciberespaço contribui para a abertura da política de drogas e se tal fato contribui para a desvinculação do tema da condição de subsistema “fechado” avesso a transformações, frente ao papel da comunicação como mantenedora, ou não, de tal condição.

Por fim, Eliana Albuquerque analisa as políticas de comunicação nas Áreas de Proteção Ambiental e, para isso, toma como referência a APA da Lagoa Encantada, localizada na zona rural de Ilhéus, sul da Bahia, que tem um jornal impresso como principal instrumento de mobilização, informação e educação ambiental das populações. Através de entrevista com 410 moradores das localidades que compõem a APA, da observação assistemática e pesquisa documental, investiga de que modo este veículo chega e é compreendido pelo receptor e se é adequado para fomentar a idéia de preservação ambiental e de sustentabilidade, conforme pretendido pelos gestores da APA. Observa, ainda, como o público alvo decodifica e transforma as mensagens em ações, ao considerar o elevado índice de não alfabetizados e as inúmeras formas alternativas e populares de comunicação, sedimentadas na cultura local ao longo dos séculos.



Com essa coletânea de artigos, esperamos contribuir para o fortalecimento dos estudos que privilegiam a comunicação e seus recursos como instrumentos para obtenção de reconhecimento e cidadania entre grupos minoritários e desprivilegiados brasileiros e, sobretudo, para a utilização dos meios e formas de comunicação a fim de promover a inserção na esfera pública política de grupos tidos como invisibilizados. O que significa dizer que esse livro pode, também, ser importante aliado de comunidades interessadas em elaborar tais ações e projetos.

Boa leitura!

SOBRE OS AUTORES

PREFÁCIO

Cicilia Maria Krohling Peruzzo é Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Coordena o Núcleo de Pesquisa de Comunicação Comunitária e Local (COMUNI) e o Grupo de Trabalho Comunicación Popular, Comunitária y Ciudadanía da Asociacion Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación.

ARTIGOS

Betânia Maria Vilas Bôas Barreto é jornalista, Doutoranda em Educação pela UFPB e Professora de Oficina de Vídeo e Oficina de Vídeo Educativo na UESC.

Célia Regina da Silva é jornalista, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UMESP e Bolsista do International Fellowships Program - Ford Foundation.

Eliana Cristina Paula Tenório de Albuquerque é jornalista graduada pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e professora do curso de Comunicação – RTV da UESC.

Hélcio Pacheco de Medeiros é radialista, Mestre em Ciências Sociais pela UFRN e Professor do Curso de Comunicação Social na UFRN.

Heron Formiga é graduado em Rádio e TV (quando foi bolsista PIBIC/CNPq) e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE.

Júlio César de Souza Tavares é Pós-Doutor pela Columbia College Chicago, Doutor em Antropologia pela University of Texas at Austin, Visiting Professor no Departamento de Comunicação da Florida Atlantic University, em Miami, Professor Adjunto IV no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFF e pesquisador do CNPq.

Luísa Aquino Santos é graduada em Rádio e TV e Especialista em Comunicação Audiovisual pela PUC-PR. Foi bolsista IC/PROIIC.

Mônica Benfica Marinho é Doutora em Ciências Sociais pela UFBA e Professora Adjunta da UNEB.

Priscilla Schimitt Huapaya é graduada em Rádio e TV e produtora de eventos. Foi bolsista FAPESB e CNPq.

Ricardo Oliveira de Freitas é Doutor em Comunicação e Cultura – UFRJ, Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da UESC e Coordenador do GUPEMA.

Rita Virginia Argollo é jornalista, editora de telejornalismo da TV Santa Cruz, afiliada da Rede Globo no Sul da Bahia, Doutoranda em Educação na UFBA e Docente do Curso de Comunicação Social da UESC.

Rodrigo Bomfim Oliveira é jornalista, Mestre em Cultura e Turismo pela UESC e Professor Assistente do Curso de Comunicação Social da UESC.

SUMÁRIO

PAISAGEM MIDIÁTICA, ETNICIDADE E PEDAGOGIA CÍVICA JÚLIO CÉSAR DE SOUZA TAVARES	25
LÁGRIMAS E PUNHO: (IN)VISIBILIDADE, DOR E HUMANIDADE NA ESFERA PÚBLICA DE VISIBILIDADE MIDIÁTICA CÉLIA REGINA DA SILVA	57
DA MARGEM AO CENTRO: COMUNICAÇÃO E ARTE FRENTE ÀS QUESTÕES DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO EM PRODUTOS AUDIOVISUAIS PERIFÉRICOS RICARDO OLIVEIRA DE FREITAS.....	83
A ALTERIDADE COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA PRODUÇÃO VIDEOGRÁFICA DE MAURÍCIO DIAS E WALTER RIEDWEG PRISCILLA SCHIMITT HUAPAYA.....	111
O MITO DA “BAIANIDADE” E SUA APROPRIAÇÃO PELO TURISMO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES RODRIGO BOMFIM OLIVEIRA.....	131
MINORIAS, MANIFESTAÇÕES E MÍDIA: A HORA DE DIZER O DIZÍVEL HERON FORMIGA.....	159
HIBRIDISMOS E EXPERIMENTAÇÃO DE LINGUAGENS NA TV UNIVERSITÁRIA: O CASO DA TV UESC BETÂNIA MARIA VILAS BÔAS BARRETO RITA VIRGINIA ARGOLLO.....	179
O RÁDIO NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE GESTÃO E PRODUÇÃO DEMOCRÁTICA HÉLCIO PACHECO DE MEDEIROS.....	203

A CONSTRUÇÃO E A COMUNICAÇÃO DE UMA IDENTIDADE COLETIVA: ANOTAÇÕES DE UMA ETNOGRAFIA DA ASSOCIAÇÃO DAS PROSTITUTAS DA BAHIA MÔNICA BENFICA MARINHO	223
ESTUDO DA INTERFACE ENTRE CIBERATIVISMO E MÍDIA RADICAL ALTERNATIVA NOS MOVIMENTOS DE MILITÂNCIA VIRTUAL <i>ANTI DROGAS E PSICOTROPICUS</i> LÚISA AQUINO SANTOS.....	249
CONTRADIÇÕES E DESAFIOS DAS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO EM ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL ELIANA CRISTINA PAULA TENÓRIO DE ALBUQUERQUE.....	277